

RUBEM BRAGA

JOEL CINQUENTÃO

A NOVIDADE é que, nesta abertura de Primavera, Joel Silveira fez 50 anos, vexame pelo qual eu já passei há um lustro.

A história profissional de Joel Silveira é um testemunho do grande erro do jornalismo brasileiro: o plano inferior em que é deixado o repórter. Poucos repórteres surgiram no Brasil com a mesma bossa audaciosa de Joel; vivacidade, malícia, coragem e estilo. Pois em seus 30 ou mais anos de profissão ele fez um número relativamente pequeno de reportagens, embora algumas delas ficassem na memória de todos os profissionais e de uma parte do público.

É que o repórter de qualidade é, via de regra, no Brasil, transformado em redator, vai ser copidesque, cozinheiro de jornal, fazedor de tópicos, ou cronista ou coisa semelhante: é, de qualquer modo, amarrado burocráticamente a uma cadeira, dentro de uma sala. Se é insistir em ser repórter, então é convidado a trabalhar sem ordenado, a ganhar (mal) por reportagem.

Claro que Joel desempenhou com

a maior eficiência e o maior brilho mil funções em jornal, e ainda teve tempo para realizar uma obra literária do maior interesse, embora ainda não produzisse o grande romance que está condenado a fazer. Mas o triste é que desde a sua ruidosa estréia até hoje a imprensa brasileira ainda não mudou de hábito: pelo contrário, sófre agora mesmo de uma crise aguda de copidesquismo capaz de desanimar qualquer nôvo Joel Silveira que tentar aparecer: nenhum repórter pode trabalhar com entusiasmo quando sabe que o que escreve será mutilado, despersonalizado, descaracterizado, anodinizado por um pequeno tirano com o assento pregado em uma cadeira. É mais negócio éle próprio se transformar em copidesque, pois ganhará melhor e não terá de fazer tanto esforço. Mas isso devem ser grunhidos sem sentido de um velho dromedário que não compreende a imprensa moderna. Bolás! Um abraço para o Joel cinquentão, e passem bem.

DN 24/9/68